

---

**António Feliciano de Castilho (1800-1875) e  
as escritoras: edição de três cartas a Camilo  
Castelo Branco (1825-1890) e de uma a Ana  
Plácido (1831-1895) pertencentes ao acervo do  
Real Gabinete Português de Leitura**

*António Feliciano de Castilho (1800-1875) and the female  
writers: edition of three letters to Camilo Castelo Branco  
(1825-1890) and one to Ana Plácido (1831-1895) belonging to  
the collection of the Real Gabinete Português de Leitura*

Eduardo da Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/CNPq

Ana Cristina Comandulli

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a674>

**RESUMO**

Trata-se da edição de três cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco, datadas de 5 de fevereiro, 26 de março e 21 de julho de 1867, cujos manuscritos fazem parte do acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Nessa correspondência, entre os diversos assuntos que compõem cada missiva, está o lançamento do primeiro livro de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), *Uma Primavera de Mulher* (1867). Edita-se também

uma carta de Castilho a Ana Augusta Plácido, agradecendo e comentando o *Luz coada por ferros*, acompanhando as celebrações dos 160 anos de sua publicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** correspondência; escritoras portuguesas; *Uma Primavera de Mulher*; *Luz coada por ferros*.

**ABSTRACT**

This is the edition of three letters from António Feliciano de Castilho to Camilo Castelo Branco, dated February 5th, March 26th and July 21st, 1867, whose manuscripts are part of the collection of the Real Gabinete Português de Leitura. In this correspondence, among the various subjects that make up each missive, is the launch of the first book by Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), *Uma Primavera de Mulher* (1867). A letter from Castilho to Ana Augusta Plácido thanking her and commenting on *Luz coada por ferros*, accompanying the celebrations of the 160th anniversary of its publication, is also published,

**KEYWORDS:** correspondence; Portuguese women writers; *Uma Primavera de Mulher*; *Luz coada por ferros*.

A Ida Alves

**“CONTINUAR, MUDAR, ALCANÇAR”**

No texto de abertura do número 22<sup>1</sup> da revista *Convergência Lusíada*, “Continuar, mudar, alcançar”, Gilda Santos, criadora e coordenadora do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura, apresentava inovações no periódico, como a inclusão de uma seção intitulada “Pesquisa no Real”, que merecia destaque por expor o resultado dos projetos “aquinhoados com as primeiras bolsas de pesquisa do Real Gabinete, patrocinadas pela Fundação Calouste Gulbenkian” (SANTOS, 2006, p. 9).

---

<sup>1</sup> Agora também disponível em formato digital, no site da *Convergência Lusíada*.

A edição atual, a primeira de 2023, é justamente dedicada a pesquisas realizadas no Real Gabinete Português de Leitura e, dessa forma, celebra as iniciativas do grupo que, nos primeiros anos de criação do então Polo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras, dedicou-se a reforçar o caráter acadêmico e científico da mais antiga biblioteca criada por imigrantes portugueses nas Américas. Este texto, especialmente, é fruto do trabalho desenvolvido por Ida Alves (UFF), que pesquisou o conjunto de correspondências de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco. O resultado dessa pesquisa desdobrou-se muito além do artigo publicado naquele número 22, “Cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”. Ida Alves logo constituiu, no Polo de Pesquisas, um grupo dedicado a estudar diversas vertentes da obra de Castilho, o que gerou o livro *Para não esquecer Castilho*, publicado pela EdUFF em 2014. E formou dois leitores<sup>2</sup> desse escritor, cujas teses orientou, em parceria com Sérgio Nazar David (UERJ).

No texto de 2006, Ida Alves propunha uma mudança no foco de análise da correspondência entre Castilho e Camilo Castelo Branco, que sempre privilegiara o romancista de Seide:

Para que realmente se possa acompanhar inteiramente a relação que uniu os dois escritores numa conversa longa sobre o seu tempo e suas vidas, é fundamental que se dê vez também à voz de António Feliciano de Castilho, para que, através dela, se possa ver, por outro ponto de vista, Camilo Castelo Branco e a cultura literária em que estavam imersos. (ALVES, 2006, p. 181).

---

<sup>2</sup> Eduardo da Cruz, com a tese “*Felicidade pela imprensa: romantismo na Revista Universal Lisbonense de A. F. de Castilho (1842-1845)*”; e Ana Comandulli, com a tese “*Presença de A. F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina*”.

A edição das quatro cartas aqui publicadas é uma forma de “continuar” o trabalho iniciado, ao “mudar” um pouco o foco, que passa a ser a relação entre o velho poeta e algumas escritoras, esperando “alcançar” novos leitores para a sua obra.

#### **OS MANUSCRITOS DE CAMILO CASTELO BRANCO NO REAL GABINETE**

Nem todos os escritores têm a chance de decidir o destino de sua biblioteca ou de sua correspondência. Alguns resolvem ainda em vida esta questão, outros a deixam para seus herdeiros. Se os livros de Camilo Castelo Branco tivessem uma casa, escolhida por esse escritor, onde pudessem estar a salvo, esta poderia ser o Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. É a partir dos manuscritos guardados nesta biblioteca que se compreende essa ideia. Não apenas por ser o Gabinete a residência do manuscrito de sua obra mais famosa, *Amor de Perdição*, mas por possuir outros autógrafos camilianos, uma importante correspondência passiva e a impressionante coleção camiliana que pertenceu a Garcia Saraiva<sup>3</sup>.

Pela correspondência ativa, é possível ver que havia interesse do autor em depositar no Gabinete Português de Leitura sua biblioteca, ou ao menos que Camilo Castelo Branco estava disposto a acatar essa sugestão. Em uma de suas cartas ao poeta brasileiro Luís Guimarães (1845-1898), datada de 16 de agosto de 1882, Camilo afirma: “Respondo conformando-me com a proposta do *Gabinete* de Leitura. Estão salvos das tendas e dos bibliómanos os meus livros – esta é que é a

---

<sup>3</sup> Além do catálogo impresso em 1940, com a coleção doada por esse bibliófilo, Fabiano Cataldo de Azevedo (2014) preparou um catálogo que pode ser consultado no arquivo do RGPL.

questão”<sup>4</sup> (CASTELO BRANCO, 1882b, p. 1)<sup>5</sup>. Se, como autor, Camilo Castelo Branco vendia suas obras para sobreviver – neste caso, quanto mais “tendas” e “bibliómanos” melhor –, como bibliófilo, pensava em preservar os livros antigos dessa mesma voracidade comercial e deveria ressentir-se da necessidade de ter que se desfazer de sua biblioteca.

Parece que a proposta não se cumpriu, mas as cartas a Guimarães Júnior tornam mais incerto o modo como a correspondência passiva do autor de *Amor de Perdição* chegou ao Gabinete. Da correspondência ativa de Camilo no acervo do Real Gabinete (um bilhete e 33 cartas), seis são a Luís Guimarães, tratando, sobretudo, da venda de sua biblioteca e do envio de sua correspondência passiva ao Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro. Todavia, Garcia Saraiva informa no catálogo de sua coleção camiliana que são dele os originais das cartas de Castilho enviadas a Camilo. Independentemente de como esse acervo foi incorporado ao Gabinete, importa-nos aqui lançar alguma luz sobre esse material.

O interesse nesse tipo de produção não está necessariamente nas informações biográficas que podem apresentar. O estudo dessa correspondência pessoal entre literatos revela detalhes sobre comportamentos, gostos, valores e ideias, auxiliando a compreensão da sociabilidade da época. Esses documentos são relatos cotidianos e pessoais que ilustram não apenas as relações íntimas entre seus autores, mas sobretudo os juízos críticos sobre algumas obras e personalidades, sem a necessidade da cordialidade e cuidado que apreciações públicas mereciam para serem publicadas. Há também questões relacio-

---

4 Os trechos de cartas citados e a edição das quatro missivas tiveram a ortografia atualizada.

5 RGPL\Q8.

nadas ao mercado literário, ao trabalho da imprensa, à política da época e ao público brasileiro.

O Real Gabinete Português de Leitura guarda um conjunto de 207 cartas de Antônio Feliciano de Castilho para Camilo Castelo Branco. A mais antiga data de 27/03/1862, a mais nova é de 18/05/1875, com sete não datadas. Como já apontado por Ida Alves, 54 cartas foram publicadas há quase um século por João Costa, utilizando as cópias existentes no espólio dos Viscondes de Castilho no Arquivo Nacional Torre do Tombo. São sobretudo as dos anos de 1864, 1865, 1866 e algumas de 1868. Há, portanto, uma quantidade considerável de cartas de Castilho a Camilo ainda inéditas, disponíveis no Real Gabinete.

Além dessas, compõem os remetentes da correspondência a Camilo Castelo Branco alguns nomes talvez mais facilmente reconhecidos por pesquisadores de literatura portuguesa oitocentista, tais como: Antônio Pereira da Cunha, Bulhão Pato, Gomes de Amorim, Inocêncio Francisco da Silva, Luís Augusto Palmeirim, Maria Amália Vaz de Carvalho, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Silva Túlio, Teixeira de Vasconcelos e os Castilhos, em uma listagem com mais de oitenta correspondentes.

A correspondência com a família de Antônio Feliciano de Castilho, além de numerosa, deveria ser especial para o próprio Camilo, que, referindo-se ao envio desse material a Luís Guimarães, comenta que estavam organizadas ou guardadas de modo diferente das demais: “Não lhas envio já porque está tudo embaralhado em gavetas, exceptuadas as dos Castilhos” (CASTELO BRANCO, 1882a, p. 2)<sup>6</sup>.

Camilo Castelo Branco ainda aproveita a confidencialidade do papel de carta. Caso o poeta brasileiro estranhasse a ausência da correspondência de Alexandre Herculano no pacote enviado, sabendo

---

6 RGPL\Q6

que o historiador havia tecido palavras elogiosas a ele na “Advertência” da publicação de *Lendas e Narrativas*, Camilo conta, num *post scriptum* de carta de 20 de setembro de 1882, que queimara em 1860 alguns papéis que possuía.

Em 1860 queimei todos os papéis que possuía, resolvendo sair de Portugal. Num incêndio perdeu-se uma correspondência que tive com Herculano em 1858 e 1859. Esse ilustre e esquisito homem rompeu comigo as suas relações quando ao seu honrado pudor chegou a notícia de que eu estava processado por adúltero! Os seus biógrafos ignoram esta virtude digna de Frei António das Chagas e do conselheiro Viale. (CASTELO BRANCO, 1882c, p. 3)<sup>7</sup>.

É exatamente o processo por adultério que tornou Camilo Castelo Branco famoso. Andreia Alves Monteiro de Castro analisa como foi constituída uma “ferrenha campanha jurídica, jornalística e literária empreendida por pessoas com influência e com reconhecimento público no intuito de indultar Camilo e Ana Plácido das acusações judicialmente impetradas por Manuel Pinheiro Alves” (CASTRO, 2021, p. 226). *Amor de perdição e Memórias do Cárcere*, de Camilo, e *Luz coada por ferros*, de Ana Plácido, são peças importantes dessa campanha.

#### **ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO E AS AUTORAS**

Se Alexandre Herculano rompeu a amizade com Camilo Castelo Branco por conta desse caso, isso não aconteceu com Castilho. O poeta d’*A Primavera* é um entusiasta do casal e da produção literária dos dois. A amizade começada com Ana Plácido, ao que parece, a partir da leitura do livro dela, fortaleceu-se com o tempo. A vasta correspondência com Camilo é repleta de opiniões respeitadas em

---

<sup>7</sup> RGPL\Q9

relação àquela que ainda demoraria a ser esposa do romancista. Castilho, inclusive, pede a opinião da escritora quanto às suas traduções de Virgílio. Por sua vez, Ana Plácido conservava um medalhão com um retrato do poeta cego.

Esse respeito de Castilho pela produção intelectual e artística de mulheres é conhecida, como apontamos em trabalhos anteriores. Ana Comandulli (2014) demonstrou, em sua tese, a partir da correspondência do poeta com algumas escritoras, o incentivo constante que elas recebiam dele. Eduardo da Cruz (2017), em artigo sobre os convites feitos por Antônio Feliciano de Castilho a diversos intelectuais e escritores convidando-os a elaborarem notas para sua tradução dos *Fastos*, de Ovídio, analisou como, na verdade, Castilho diferenciava as autoras, valorizando mais umas do que outras. Fica claro, nesses dois trabalhos, o quanto outra escritora do Norte de Portugal, Maria Peregrina de Sousa (1809-1894), era intelectualmente valorizada por Castilho, a ponto deste solicitar, inclusive, que ela revisse seus textos e produções, com liberdade para sugerir modificações e para escrever qualquer nota. A correspondência a Camilo Castelo Branco revela algo semelhante em relação a Ana Plácido, cuja opinião também era valorizada por Castilho. A carta de agradecimento pelo envio do *Luz coada por ferros*, de 9 de fevereiro de 1863 (CASTILHO, 1863)<sup>8</sup>, procura aproximá-los sentimentalmente, ao remeter o seu *Chave do enigma*, que acompanhou a segunda edição, de 1861, do *Amor e Melancolia*, no qual conta o seu amor pela primeira esposa.

As três cartas a Camilo Castelo Branco que editamos agora, datadas de 5 de fevereiro (CASTILHO, 1867a)<sup>9</sup>, 26 de março (CASTI-

---

8 RGPL/K35.

9 RGPL/I61.



LHO, 1867b)<sup>10</sup> e 21 de julho de 1867 (CASTILHO, 1867d)<sup>11</sup>, tratam de diversos assuntos. A longa correspondência entre os dois revela como havia uma troca constante de experiências, conhecimento e impressões sobre os mais variados assuntos. Castilho comenta sobre amigos, sobre saúde, sobre a Academia das Ciências de Lisboa, sobre publicações recentes e sobre alguns desafetos, como João de Deus (“do diabo”, na carta). Antônio Feliciano, em Lisboa, com o irmão José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879) – imigrado no Rio de Janeiro desde 1846 –, ainda repassava novidades sobre o Brasil, como os textos do Monsenhor Pinto de Campos e do Bispo da Bahia, para uma história do púlpito, que Camilo estaria preparando. É curioso perceber também os comentários que Castilho faz da própria linguagem, com a apropriação de expressões brasileiras e a preocupação com a sonoridade – ele que ficou marcado pelo apuro formal de seus poemas.

No entanto, a seleção que fizemos se justifica pelos comentários atentos à estreia literária de Maria Amália Vaz de Carvalho, com o seu *Uma Primavera de Mulher*. Essa escritora, que acabou por se tornar talvez a autora portuguesa oitocentista mais conhecida, ao lado justamente de Ana Plácido, lembrada por muitos por ter sido mulher de Camilo, iniciou sua vida literária nos salões de Castilho que, como as cartas comprovam, divulgou seu nome e sua obra. Mais tarde, casada com o poeta brasileiro Gonçalves Crespo (1846-1883), acaba por se filiar à Geração de 70, grupo oposto ao de Castilho desde a Questão Coimbrã, recebendo-os em seu salão literário.

Estas três cartas se juntam à de 22 de junho de 1867, editada por Ida Alves (2006, p. 192-193), na qual se lê a preocupação de Castilho com

---

<sup>10</sup> RGPL/I66.

<sup>11</sup> RGPL/I72.

o atraso da publicação do poema: “O poema *Uma Primavera de Mulher* ainda não saiu, e não sei porquê, estando as últimas provas revistas há já meses” (CASTILHO, 1867c, p. 3)<sup>12</sup>. E a uma carta de 21 de maio de 1866, publicada por João Costa, que infelizmente não existe no acervo do Real Gabinete, quando Castilho informa a Camilo pela primeira vez que conheceu uma poetisa nova, Maria Amália:

Dou-lhe parte de que temos uma poetisa nova: é uma filha de José Vaz de Carvalho. Chama-se D. Maria Amália. Conta apenas 19 anos, nunca falou com poetas nem literatos, o que me não atrevo a afirmar que tenha sido grande desgraça, passa a vida na solidão de uma quinta a três léguas de Lisboa sem mais incentivos que os da natureza exterior e interior, e já compôs todavia um poema em quatro cantos intitulado *Uma primavera de mulher*, no qual se não há ainda perfeição, que de certo a não podia haver, pululam e abundam todavia exuberantíssimas e memoráveis mostras de engenho, de fantasia, de afeto, e de preciosa feminilidade.

Dê-me os parabéns, e receba-me em troca outros iguais. É um regalo ver que a Providência, se é que ela se ocupa com estas coisas, nos enviou enfim uma Joana d’Arc para confusão destes hereges literários. Queira Deus que eles ma não queimem, que são capazes disso e de muito mais. (CASTILHO; CASTELO BRANCO, 1924, p. 97)<sup>13</sup>.

Maria Amália Vaz de Carvalho não foi “queimada”, como a Geração de 70 fez com tantas outras escritoras. Muito pelo contrário, foi incensada por eles como “vencidista honorária”. Seu valor foi reconhecido por diversos escritores em seu tempo, em Portugal e no Brasil, onde chegou a ser folhetinista do *Jornal do Commercio*, do

---

<sup>12</sup> RGPL/I70.

<sup>13</sup> Atualizamos a ortografia da citação, como fizemos com as cartas originais.

Rio. Coube a Castilho, contudo, a divulgação de seu nome e de seus escritos.

Apesar de ter ficado marcado na historiografia literária como conservador, pelo epíteto de “árcade-póstumo” dado por Teófilo Braga, a leitura da correspondência desse escritor, como as cartas a Camilo Castelo Branco e a Ana Plácido, no Real Gabinete Português de Leitura, ou outras missivas guardadas na Torre do Tombo, em Portugal, demonstram o empenho desse intelectual em encontrar, divulgar, incentivar e respeitar a produção de autoria feminina.

#### **CARTA DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO A ANA AUGUSTA PLÁCIDO**

Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Senhora

Permita-me V. Ex.<sup>a</sup> agradecer-lhe o ter-se lembrado de mim quando repartiu pelos seus amigos o admirável tesoiro das suas mágoas, o seu livro da Luz coada por ferros.

Os fragmentos que eu já conhecia desta mui notável coleção faziam-me esperar muito da sua leitura completa; encontrei ainda mais do que esperava. V. Ex.<sup>a</sup> é inegavelmente um espírito dos mais ricos e brilhantes, e um coração feminino em que há abismos de sensibilidade e mistérios de dor indecifráveis.

Se há quem, depois de ter sofregamente devorado as poucas páginas deste volume, não sinta um vivíssimo desejo de lhe conhecer a autora, de a admirar na conversação, que deve ser deliciosa mesmo através da melancolia, e antes de ver sua fortuna lhe não aperte já a mão com

fraternal afeto, não é para esse indivíduo que V. Ex.<sup>a</sup> escreveu, nem foi para ele também que eu escrevi a Chave do meu enigma<sup>14</sup>.

Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> a vaidade de me recordar eu aqui do meu opúsculo no meio da profunda impressão que me deixou a recém-finda leitura dos seus contos e das suas meditações; contos em que talvez palpita (sic) muita história; meditações donde transluz muita filosofia.

Quando encontro uma escritora assim, ninguém me pode estranhar que eu a ambicione para leitora daquelas minhas confidências; por isso tomo a liberdade de as oferecer e enviar a V. Ex.<sup>a</sup>. Se me não engana o amor-próprio, V. Ex.<sup>a</sup> há de folheá-las com algum interesse. Oxalá, será isso para mim um grande prêmio.

Permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que não conclua esta carta sem lhe dar muito sinceros parabéns pelas excelentes linhas que o nosso amável e espi-rituosíssimo Júlio César Machado<sup>15</sup> juntou firmadas com o seu já muito honroso nome ao livro de V. Ex.<sup>a</sup>. Júlio César Machado é, além de um dos engenhos portugueses mais distintos, uma das índoles mais leais e nobres que hoje se apontam, bem de longe a longe, na nossa literatura.

Aproveito com a maior satisfação esta oportunidade para me assinar

De V. Ex.<sup>a</sup>  
admirador, e servo o mais  
respeitoso e obrigado

Lisboa 9 de fevereiro de 1863

A. F. Castilho

---

<sup>14</sup> Castilho adapta o título de seu livro com a inclusão do possessivo.

<sup>15</sup> Júlio César Machado (1835-1890), escritor e jornalista, foi importante cronista. Ele assina a “Introdução” do livro de Ana Plácido.

**CARTA DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO A CAMILO CASTELO  
BRANCO, DE 5 DE FEVEREIRO DE 1867**

Lisboa 5 de fevereiro de 1867

Meu caro Camilo

Incluso lhe remeto o que o Eugénio<sup>16</sup> apurou em resposta ao que V. Ex.<sup>a</sup> desejava investigado.

Antes d'ontem, domingo, dia que esteve lindíssimo, fui eu com meu irmão pelo caminho de ferro, jantar a Alhandra. V. Ex.<sup>a</sup> acompanhou-nos; as *Vinte horas de liteira*<sup>17</sup> que meu irmão José<sup>18</sup> lia pela primeira vez e eu pela terceira abreviaram-nos deliciosamente as horas.

João José de Sousa Telles remeteu-lhe decerto o primeiro folheto da sua *Enciclopédia popular*<sup>19</sup>, pois assim mo anunciou. Agora, o que ele não fez por se não atrever, porém me rogou que o fizesse eu e com grande instância, foi pedir a V. Ex.<sup>a</sup> que lhe desse um artigo qualquer para o folheto de fevereiro, isto é para o segundo folheto da coleção. Os artigos são todos retribuídos; veja se pode tirar meia hora para o ajudar que ele é um santo homem e cheio de bons desejos. O nome de V. Ex.<sup>a</sup> é ali muitíssimo útil.

---

16 Eugénio de Castilho (1846-1900), filho de António Feliciano.

17 Romance de Camilo Castelo Branco publicado em volume em 1864.

18 José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

19 Título completo: *Enciclopédia popular: leituras amenas apropriadas a todas as idades, sexos, estados, profissões e inteligências*. Foram publicados 16 números, entre 1867 e 1868.

A nossa excursão a Coimbra, Bairrada, Buçaco, Castanheira do Vouga, Porto e “Quinta das Delícias” está determinado que seja para as férias de Páscoa, se o tempo, já se sabe, o consentir. Deus o permita.

Não sei o que passaria e o que se decidiria na Academia (tanto ia!) na quinta-feira última em que se havia de tratar do Dicionário da língua. Eu, muito de indústria, me abstive de ir; meu irmão fez o mesmo. Duvido de que a façam muito limpa.

Creio que lhe falei já do Monsenhor pernambucano Pinto de Campos<sup>20</sup>, pregador de fama para entre os brasileiros. Meu irmão tem uns oito ou nove sermões dele, alguns dos quais inéditos. Se os deseja ver, remeter-lhos-ei. As pastorais do Arcebispo da Bahia também por lá são muito afamadas. Se deseja conhecê-las, diga-o francamente; mandam-se vir, e recebê-las-á decerto muito a tempo, visto como só para o verão tenciona escrever a obra.

Do mundo literário nada sei e creio que nada há; só sim que a D. Maria Amália Vaz de Carvalho, autora do poema *Uma Primavera de Mulher*, o qual se está imprimindo, escreve atualmente romances em prosa; ainda os não vi.

O volume de poesias<sup>21</sup> do meu Júlio<sup>22</sup> está se imprimindo em Paris; há de deitar as suas trezentas páginas. O nosso Tomás<sup>23</sup> tem por aqui lido em salas a sua *Delfina do Mal*. Ele, coitado, é que não anda muito

---

20 Joaquim Pinto de Campos (Flores/PE, 1819 – Lisboa, 1887), orador, publicista, político.

21 Deve tratar-se de *Primeiros versos*, editado em Paris em 1867.

22 Júlio de Castilho (1840-1919), filho mais velho de António Feliciano. Reeditou a obra do pai no início do século XX.

23 Tomás Ribeiro (1831-1901), autor do poema *A Delfina do Mal* (1868), famoso pelo poema envolvido na Questão Coimbrã, *D. Jaime ou a Dominação de Castela* (1862).

bem de saúde. Eu não sei se ele será parte na nossa romaria a S. Miguel de Seide; ainda lhe não falei nisso; o em que eu lhe falei foi em que o irmão Abade devia mandar cópia dos seus sermões a V. Ex.<sup>a</sup>: prometeu escrever-lhe nesse sentido.

Creio que o meu Anacreonte já está na Alfândega de Lisboa. Se eu o receber hoje, ainda a horas de Correio, o primeiro exemplar remetido há de ser o seu. O mais provável, porém, é que se demore ainda 24 horas.

A fatura não diz se vem também Virgílio.

Eu nada tenho feito, entretenho-me<sup>24</sup> a semear no meu Dicionário de Moraes. É prata quebrada; algum dia se fundirá, se fundir.

Um bom aperto de mão à Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Ana Augusta e eu sou o eternamente

Seu Castilho

**CARTA DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO A CAMILO CASTELO  
BRANCO, DE 26 DE MARÇO DE 1867**

Lisboa 26 de março de 1867.

Ora viva o meu Camilinho que se tornou a lembrar de mim! Recebo a sua datada de hoje! Arrepiá-me só o ouvir que já apanhou este ano dois duches; com um só teria eu ficado inteiriçado. Isso é que é hombridade. Bem haja. Para a restauração de tão preciosa saúde todos os sacrifícios são bem empregados.

---

<sup>24</sup> No original: “intertenho-me”.

Cá por ora os meus duches são outros; aplicam-mos contra vontade os noticiaristas da *Revolução*<sup>25</sup> e João do diabo, por antífrase: de Deus<sup>26</sup>. Aquilo deve entrar por força para a Academia. Era doido e muito; agora está tolo e muitíssimo. Eu já lhe disse a ele que lhe não respondia e não respondo; se quer capote que o vá furtar a outra parte. Com um homem que erra versos, rimas, gramática e lógica, tudo por atacado, não há por que se perca tempo.

Forte caudalaria tem sido aquela Coimbra! Este levou alguns doze anos para se formar, e saiu assim; em compensação chamam-lhe os noticiaristas *inspirado poeta*.

Cuido que vai sair por estes dias a *Primavera de Mulher* da Vaz de Carvalho. Levar-lha-ei quando a primavera de toda a gente nos enflorar o caminho para a *Quinta das Delícias*. A essa é que eu não falto.

Há muito que não vejo o Tomás. Havemos de ver se vamos juntos.

Não vi o romance de Arnaldo Gama<sup>27</sup>; e a dizer a verdade, nem tempo nem vontade tenho para novelas; as de V. Ex.<sup>a</sup> sim, leio-as todas, e muitíssimas releio; às mais não me atrevo.

A história do monumento a Bocage em Setúbal está atrapalhada por tolices de lá; é muito possível que afinal a coisa se venha a fazer em Lisboa, que é onde o poeta morreu; mas não fale nisto por ora.

Eu quase nada tenho feito; ou, para falar com mais exação, nada que valha.

Ainda cá não tenho o Virgílio; folgo de que o *Anacreonte* lhe não desagradasse.

---

25 Jornal *A Revolução de Setembro*, publicado entre 1840 e 1901.

26 João de Deus (1830-1896).

27 Arnaldo Gama (1828-1869), romancista.



Também ainda me não chegaram umas célebres flores que se me anunciaram da parte do Constantino.

Adeus meu caro Camilo, e mil recordações bem saudosas do Eugénio. Da minha parte um abraço d'alma à nossa boa Senhora D. Ana.

E até breve.

Amicíssimo e obrigadíssimo

A.

P.S. Eu ando tão erradio da Academia que não sei agora dizer-lhe o que há ou deixa de haver a respeito do nosso D. Santiago. Já duas vezes perguntei por isso e baldadamente. Lá que o rejeitem não receio eu. Examinarei.

**CARTA DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO A CAMILO CASTELO BRANCO, DE 21 DE JULHO DE 1867**

Lisboa 21 de julho de 1867

Meu caro Camilo:

Valha-nos Deus com esse seu interior físico. Saia daí; venha para Lisboa, consultar médicos bons, se os há. As distrações hão de lhe fazer bem; e ainda que as daqui não sejam grande coisa, sempre o hão de ocupar mais que o seu recanto provinciano em que não haverá pedrinha nem folha que não saiba de cor e salteado.

Venha, que eu me obrigo a fazer-lhe muita companhia: tanta, quanto lhe agradar. Isto é cá de dentro e a valer.

Sim senhor; eu já o sabia: gostou do meu Virgílio. Não faltavam razões para isso: era Virgílio, era obra de amigo, e recordava-lhe, o de que

eu também nunca me hei de esquecer: os dias da tão boa convivência que aí tivemos.

E dizer que provavelmente já não havemos de tornar a ter outros do mesmo modo!...

Mas tornando ao livro, não o mande por ora encadernar. Espere pelas 5 estampas ainda que só lá para o fim deste ano poderão chegar; isto é, as quatro pertencentes ao poema, que a do meu retrato, essa já aí está na alfândega; e não a tire por ora, porque ainda não desempataram a porquíssima questão dos direitos.

Recebi de Paris, antes d'ontem, uma dúzia de flores de Constantino. Acham-nas belíssimas. Venha vê-las. O portador que mas trouxe foi um Cerveira, filho de um empregado da Biblioteca do Porto, que regressa de Paris onde foi aperfeiçoar-se em encadernação. Vem insigne. Tenciona estabelecer-se no Porto, para onde talvez já tenha partido a esta hora. Recomendo-lho, enquanto as obras dele o não recomendam melhor.

Um abraço à sua boa companheira.

Uma Primavera de Mulher já saiu. Não sei se a imprensa tem dito alguma coisa *a respeito*, frase brasileira.

O que eu sei é que a rapariga é poetisa com o feliz defeito de ser ainda muito moça.

Eu nada tenho escrito. Falta-me o tempo.

O T. Ribeiro lá está para o Estoril a tratar da pele; não sei dele, nem da Delfina, nem de coisa nenhuma, senão que tenho já muitas saudades de V. Ex.<sup>a</sup>.

Castilho

RECEBIDO: 10/05/2023 APROVADO: 12/05/2023

### MANUSCRITOS

CASTELO BRANCO, Camilo. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Guimarães. Caldas de Vizela, 8 mai. 1882a. Carta.

CASTELO BRANCO, Camilo. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Guimarães. Caldas de Vizela, 16 ago. 1882b. Carta.

CASTELO BRANCO, Camilo. [*Correspondência*]. Destinatário: Luís Guimarães. S.L., 20 set. 1882c. Carta.

CASTILHO, António Feliciano. [*Correspondência*]. Destinatário: Ana Augusta Plácido. Lisboa: 9 fev. 1863. Carta.

CASTILHO, António Feliciano. [*Correspondência*]. Destinatário: Camilo Castelo Branco. Lisboa: 5 fev. 1867a. Carta.

CASTILHO, António Feliciano. [*Correspondência*]. Destinatário: Camilo Castelo Branco. Lisboa: 26 mar. 1867b. Carta.

CASTILHO, António Feliciano. [*Correspondência*]. Destinatário: Camilo Castelo Branco. Lisboa: 22 jun. 1867c. Carta.

CASTILHO, António Feliciano. [*Correspondência*]. Destinatário: Camilo Castelo Branco. Lisboa: 21 jul. 1867d. Carta.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Ida Ferreira. Cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. *Convergência Lusíada*, v. 20, n. 22, p. 177-200, 30 dez. 2006. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/657>. Acesso em: 24 abr. 2023.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. *A Camiliana de Francisco Garcia Saraiva*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2014. Disponível em: <http://rgpl.mygead.com/OPAC/Register/Index/3b121c69-cf37-4b5a-9afd-e4005cd12845>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CASTILHO, António Feliciano de.; CASTELO BRANCO, Camilo. *Castilho e Camilo*. Correspondência trocada entre os dois escritores. Prefácio e notas de João Costa. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

CASTRO, Andréia Alves Monteiro de. *Crimes, realidades e ficções: A representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

CRUZ, Carlos Eduardo Soares da. *Felicidade pela imprensa: romantismo na Revista Universal Lisbonense de A. F. de Castilho (1842-1845)*. Tese de doutorado em Estudos de Literatura. Niterói: UFF, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10707>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CRUZ, Eduardo da. Um “brilhante congresso”: escritoras portuguesas no projeto de António Feliciano de Castilho para sua versão d’*Os Fastos ovidianos*. *Soletras* n. 34 – Escritores esquecidos do século XIX. 2º. sem: jul.-dez. de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2017.30436>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CUNHA, Ana Cristina Comandulli da. *Presença de A. F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina*. Tese de doutorado em Estudos de Literatura. Niterói: UFF, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11144>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SANTOS, Gilda. Continuar, mudar, alcançar. *Convergência Lusíada*, v. 20, n. 22, p. 9-10, 30 dez. 2006. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/643>. Acesso em: 24 abr. 2023.

#### **MINICURRÍCULO**

**EDUARDO DA CRUZ** é professor associado de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ, atuando na graduação e na pós-graduação. É bolsista Prociência/UERJ e pesquisador PQ2 do CNPq. Tem doutorado em Estudos de Literatura pela UFF (2013), mestrado em Ciência da Literatura pela UFRJ (2009) e realizou estágio de pós-doutorado na USP (2022). É colíder do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (UERJ/Real Gabinete Português de Leitura), pesquisador do grupo ARS – Arte, Realidade, Sociedade (FBN) e investigador-colaborador no Centro de Estudos Clássicos (FLUL).

**ANA CRISTINA COMANDULLI** é técnica em assuntos educacionais na Unirio. Tem doutorado em Estudos de Literatura pela UFF (2014), mestrado em Literatura Portuguesa pela UFRJ (2005) e bacharelado em Letras - Português/Literatura da Língua Vernácula pela Faculdade de Letras da UFRJ (1985). É pesquisadora do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (UERJ/Real Gabinete Português de Leitura) e investigadora-colaboradora no Centro de Estudos Clássicos (FLUL).